

Vendo-a pálida e silenciosa, Clifford pôs o carro em marcha; e guardaram silêncio até que de novo parassem, diante do portão, que ela abriu.

— E o que temos de tomar agora, disse ele, é o chicote, não o sabre. As massas sempre foram governadas — desde o começo das idades; e terão hoje que ser governadas até o fim das idades. Não passa de brincadeira hipócrita dizer que elas podem governar-se a si mesmas.

— E você é capaz de governá-las?

— Eu? Certamente. Não tenho a vontade nem a inteligência paralisadas — e ninguém governa com as pernas. Posso dar conta da minha parte no governo, de toda a minha parte. E tenha eu um filho, ele também cuidará da sua parte, depois de mim.

— Mas esse filho não seria seu; não pertenceria talvez à classe dirigente — titubeou ela.

— Não me preocupo com quem possa ser o pai, contanto que seja homem normal, ou dotado de inteligência normal. Dai-me o filho dum homem são, normalmente inteligente e dele farei um Chatterley apto a continuar a linha. O que conta não é o homem que nos engendrou, mas o lugar que o destino nos deu. Ponha uma criança qualquer na classe dirigente, e se tiver valor tornar-se-á chefe. Ponha um filho de rei ou duque entre as massas, ele se tornará um pequeno plebeu, lídimo produto das massas. Há influência irresistível do meio.

— Quer dizer que o povo não constitui uma raça e os nobres não constituem um sangue, resumiu Constance.

— Sim, minha cara. Tudo isso não passa de ilusão romântica. A aristocracia é uma função, uma injunção do destino. E a massa é o funcionamento de outra parte do destino. O indivíduo não conta. Só conta a função para a qual somos educados, ou adaptados. Não são os indivíduos que formam a aristocracia, mas o funcionamento do todo aristocrático. E é o funcionamento da massa tomada em seu todo que faz o homem plebeu ser o que é.

— Quer dizer que não há humanidade comum entre nós, humanos?

— Como queira. Todos temos necessidade de encher nossos estômagos, mas desde que se trata de funcionamento expressivo ou executivo, creio que há um abismo entre as classes dirigentes e as dirigidas. São duas funções opostas, e é a função que determina o indivíduo.

Constance o olhava assombrada.

— Não quer continuar o passeio? — perguntou-lhe.

Clifford pôs o carro em movimento. Já havia dito o que tinha a dizer e retombara no apático vazio do costume, que tanto a irritava. Constance decidiu-se a não debater aqueles assuntos na floresta.

A sua frente estendia-se o caminho rasgado entre as aveleiras e alegres árvores de tom neutro. O carro avançava com lentidão sobre o tapete de miosótis, estendido sobre o chão como espuma láctea. E ia pelo meio da estrada, onde os pés dos transeuntes haviam amassado trilhas entre as flores. Constance, atrás, vinha vendo as rodas do veículo esmagarem as flores. Todas as flores ali estavam, e as primeiras campânulas formavam lagoas azuis como de água estagnada.

— Tem razão de dizer que isto é admirável, observou Clifford. Não pode haver encanto maior que uma primavera inglesa.

Constance teve a impressão de que até a primavera floria por motivo dum ato do Parlamento. Uma primavera inglesa! Por que não irlandesa ou judia? O carrinho avançava lentamente sobre os tufos de campânulas, rolando a folhagem marginal das bardanas. Chegados a um sítio de árvores derubadas, a luz crua do céu iluminou-os e as campânulas apareceram como toalha de vivo azul, aqui e ali descambando para o lilás e o violeta. Entremeio, as samambaias erguiam seus brotos cacheados, como legiões de pequeninas serpentes prestes a murmurar a Eva um novo segredo. Clifford subiu até o alto da colina, acompanhado de Constance. Lá deteve o carrinho e olhou para baixo. Uma onda azul de campânulas inundava a ampla avenida e punha um luar azulado no sopé da colina.

— Bela cor o azul, disse Clifford, mas de pouca valia num quadro. Constance concordou, sem tomar interesse no assunto. — Acha que poderei aventurar-me até à fonte? perguntou Clifford.